

Uma revolução no mercado editorial

por **Adriana Vasconcelos**
de Brasília

O parque gráfico de Brasília, hoje o quarto maior do País, quer declarar sua independência em relação às administrações públicas federal e local, que até agora vinham garantindo a sobrevivência do setor como seus principais clientes. A partir de janeiro, começa a funcionar na cidade um pólo editorial que, com uma linha de crédito do Banco do Brasil de US\$ 10 milhões, pretende atrair para a capital federal o interesse de editoras do mundo inteiro, em especial as da América Latina, garantindo ainda a redução entre 30 e 50% do preço de cada publicação.

Idealizado por empresários do setor gráfico e implantado pelo conselho regional da Associação Brasileira da Indústria Gráfica (Abigraf), esse pólo, que está em via de ser regulamentado e poderá financiar não só obras literárias mas também didáticas ou mesmo da mídia impressa, deve criar só nos dois primeiros anos de funcionamento cerca de 2 mil a 3 mil novos empregos no DF. A meta é chegar até 1996 publicando uma média de duzentos títulos por mês, atingindo um faturamento mensal de US\$ 5 milhões a US\$ 6 milhões.

Essas são as expectativas do presidente do Sindicato das Indústrias Gráficas do Distrito Federal e do conselho diretivo da Abigraf, Antônio Carlos de Araújo Navarro. "Esse pólo será um divisor de águas dentro do mercado gráfico de Brasília", garante. Com ambição de ser o principal elo de integração com o mercado editorial da América Latina,

estima-se que no final do século o pólo editorial da cidade atinja um faturamento mensal de US\$ 15 milhões.

Há praticamente três anos, a idéia de implementação do pólo editorial foi lançada como alternativa para o setor gráfico do DF sobreviver e ter perspectivas de voltar a crescer. A indústria gráfica na cidade nasceu pouco antes da inauguração de Brasília e desenvolveu-se graças às constantes encomendas da área governamental. Mas desde o governo Sarney, o setor vem se ressentindo com a diminuição dos pedidos dos órgãos públicos e com o crescimento das gráficas oficiais, que acabaram abocanhando uma parcela significativa do mercado e vêm praticando uma concorrência desleal, como atesta a Abigraf.

Por meio de pesquisas, tentou-se definir o perfil das publicações desse pólo editorial. Como a cidade abriga praticamente todo o corpo diplomático residente no País e é um centro importante na produção de informações, Brasília torna-se atrativa para obras literárias e mesmo para revistas ou jornais. Um conselho editorial, com no mínimo dezessete membros, ficará encarregado de dar um parecer sobre a receptividade do mercado, conteúdo e estética de cada obra a ser publicada.

A princípio, deverão integrar esse pólo editorial cerca de duzentos gráficas do DF. "As editoras poderão ser de qualquer lugar do mundo. A exigência para a liberação do financiamento, no entanto, é de que a obra seja feita no DF", explica Araújo Navarro.